

● ENTREVISTA

FOTOS RUI SILVA/ASPRESS



PÚBLICO MAIS PRÓXIMO DO TEATRO

Tiago Rodrigues e Carla Maciel

SANDRA S. GONÇALVES
sgoncalves@dnoticias.pt

Tiago Rodrigues é director artístico do Teatro Nacional Dona Maria II há dois anos e considera que é cada vez mais importante aproximar os portugueses do teatro. Por isso, a Rede Eunice é uma mais-valia, porque faz com que as pessoas tenham mais acesso à cultura.

Porque o teatro além de entreter também educa, garante que até 2019 irão passar espectáculos pelo Balt-

zar Dias, com o objectivo de fazer com que cada vez mais o público sinta vontade de encher as salas dos teatros.

É uma grande responsabilidade ser director artístico do Teatro Nacional Dona Maria II (TNDM)? Como tem sido a experiência depois de ter sido convidado para estar à frente deste polo de cultura? Entrei para a direcção do Teatro Nacional Dona Maria II há dois anos. Foi um passo inesperado no meu percurso, já tinha trabalhado neste teatro algumas vezes como

**TIAGO RODRIGUES,
DIRECTOR DO TNDM,
GARANTE
QUE OS TEATROS
TÊM ESTADO CHEIOS**

artista convidado e, posteriormente, surgiu o convite por parte da Secretaria de Estado da Cultura para dirigir o Teatro Nacional que decidi aceitar depois de alguma reflexão. Desde então, tem sido uma aventura ser director artístico porque este é um projecto muito importante para a cultura portuguesa e é muito gratificante poder contribuir para o caminho que esta instituição já faz há 170 anos em prol da cultura portuguesa. Por outro lado, esta função também permitiu, como sempre

quando há uma nova direcção, que houvesse uma reinterpretação e um reinventar daquilo que é a missão fundamental do teatro, que é divulgar e promover a nova dramaturgia portuguesa.

Nos últimos tempos tem havido um trabalho intensivo, com o objectivo de chegar a mais portugueses. Esta é também uma das missões do TNDM? Um teatro nacional deve sempre garantir que os portugueses tenham acesso a este género de cultura e, por isso, o TNDM fez apostas

nos dois últimos anos, com o intuito de estar mais próximo dos portugueses. Ao fim e ao cabo, o Dona Maria II, que é uma casa de criação, de produção e um porto de abrigo, situado em Lisboa, é mais do que um edifício e um monumento lindíssimo, porque ao ser de todo o país tem como missão também ocupar outros teatros e outras cidades, como é o caso do Teatro Municipal Baltazar Dias, no Funchal. E esta vinda à Madeira configura isso mesmo, uma vontade que temos de, nos últimos tempos, estarmos o mais próximos possíveis do máximo dos espectadores, independentemente da zona do país. Posto isto, torna-se fundamental mencionar a Rede Eunice, criada recentemente, que integra vários teatros, com o intuito de levar a cultura a todas as pessoas do país, incluindo os arquipélagos.

Tendo em conta todo esse trabalho desenvolvido em prol da cultura portuguesa, nota que as pessoas aderem cada vez mais ao teatro? Ao contrário do que algumas pessoas pensam, os teatros têm estado cheios e normalmente quem afirma o inverso não tem o hábito frequentar teatros. Por isso, o primeiro desafio que faço sempre que me dizem isso, é convidar a pessoa em questão para ver como enchemos plateias. No entanto, isto não significa que temos de parar de fazer o nosso trabalho, porque apesar de as pessoas irem aos teatros há que continuar a procurar públicos onde eles ainda não existem e, consequentemente, mantê-los juntos do teatro. É verdade que isto é de ciclos, mas por exemplo, a 'Ifigénia' encheu a sala do Baltazar Dias esgotou e 'A Origem das Espécies' também já está praticamente esgotada. O que significa que o Funchal junta-se, assim, a esse exemplo de cidades, onde os teatros estão cheios.

Essa promoção passa também pelas escolas? Quando trabalhamos com crianças e jovens, sabemos que essa aproximação irá fazer com que estes sejam cidadãos plenos e inquietos que questionam tudo aquilo que os rodeia.

Além de entreter, o teatro também tem como missão educar? Digamos que o bom teatro junta sempre a reflexão, o pensamento crítico e a interrogação da forma como vivemos, com a dimensão lúdica, do jogo e do prazer. Esta combinação, que é uma espécie de festa do pensamento, faz do teatro uma arte única e singular.

Quais são os géneros de teatro que mais cativam o público? Drama ou comédia? É difícil generalizar, embora pudéssemos partir do princípio de que uma comédia é o mais popular e que vai chamar mais público, sabemos que o que realmente faz a diferença é a obra em questão, até porque muitas vezes são também as pessoas que fazem o espectáculo e que criam a curiosidade do espectador. Por exemplo, existem autores muito conheci-

dos, como o Shakespeare, que enchem salas, independentemente das companhias, mas isso é o início, uma vez que depois um espectáculo só continua a sua vida, com muito público, se for efectivamente forte. Por outro lado, existem peças de teatro incríveis que, às vezes, não têm muitos espectadores e cabe à pessoa que está frente de um teatro ter a coragem de saber que não vai ter a sala cheia e, mesmo assim, continua a fazer aquela aposta. Resumindo, queremos salas cheias, mas com uma programação plural, diversa e que arrisca na inovação e num teatro que seja uma proposta artística válida e não um negócio.

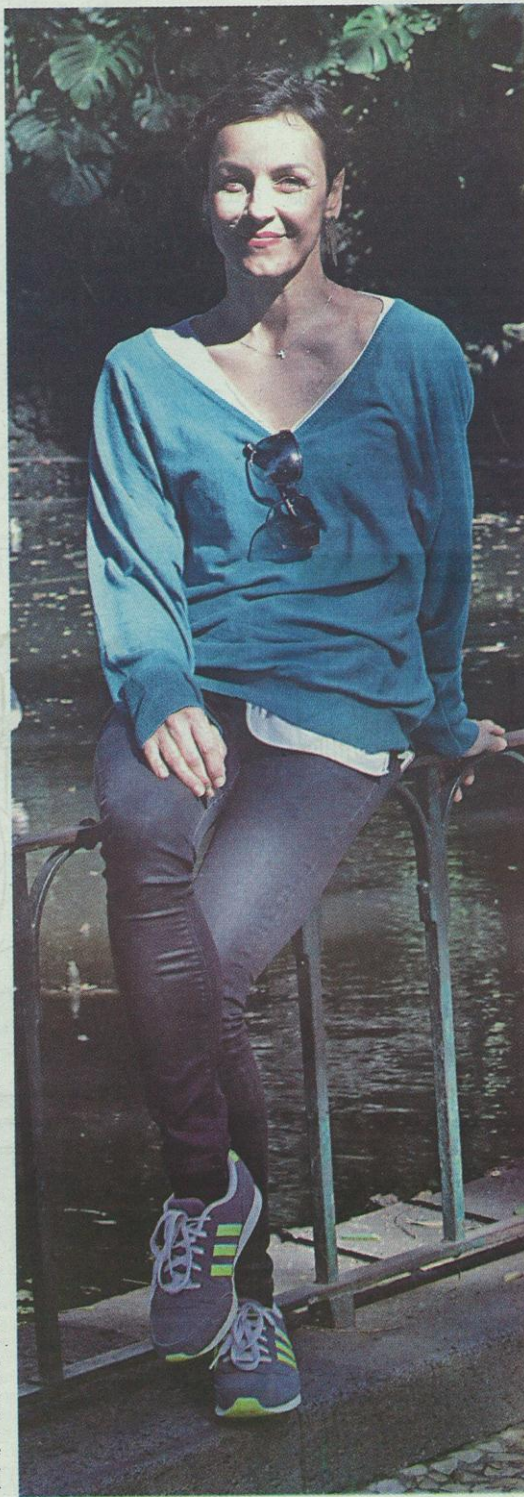
Depois de a 'Ifigénia', que se realizou esta sexta-feira, no Baltazar Dias, amanhã é a vez de subir ao palco 'A Origem das Espécies' e 'As Criadas', em Maio. O TNDM irá trazer mais espectáculos à Região? Sim, mas é segredo. Neste momento, estamos no processo de escolha e ainda a discutir com cada um dos teatros quais vão ser as peças que, no futuro, iremos levar a cada um deles. No entanto, o que já está decidido é que ainda este ano, já depois do espectáculo de Maio, voltaremos ao Funchal, pelo menos até 2019, com uma regularidade de mais ou menos de três em três meses.

O que é que os madeirenses vão poder ver hoje à noite na peça de teatro 'A Origem das Espécies'? Este é um espectáculo para a infância, mas também para a família, ou seja, é uma peça de teatro que os adultos podem ver sem sentir que não é para eles, porque celebra o espírito de curiosidade, da aventura, da exploração científica, com muitos mistérios, enigmas e níveis de leitura em que as crianças irão ler o espectáculo de uma forma e os adultos de outra.

Actriz gosta de interpretar "mulheres fortes e complexas"

Carla Maciel é uma das actrizes mais conhecidas do panorama nacional. A artista está pela primeira vez na Região para interpretar 'A Origem das Espécies' que sobe hoje, pelas 18 horas, ao palco do Teatro Municipal Baltazar Dias. Ligada ao teatro, cinema e à televisão, confessa que gostava de fazer mais cinema e que é mais difícil fazer o público rir.

Tendo em conta que esta peça de teatro leva à reflexão do espectador, cabe também ao actor a tarefa de entreter e fazer com que este vá para casa pensar naquilo que viu em cima do palco? O actor é curioso e também quer reflectir sobre o que se está a passar no mundo. 'A Origem das Espécies' aborda a teoria de Darwin, mas sobretudo o seu lado humano, até porque o mais importante é passar às crianças a mensagem de que não devem deixar de questionar e de ser curiosos, porque foi assim que o Darwin conse-



A ACTRIZ PORTUGUESA CARLA MACIEL GOSTA MUITO DO QUE FAZ E DO SILÊNCIO DO TEATRO

guiu ser quem é e, por isso, qualquer um deles também pode descobrir uma teoria se tiver a mesma teimosia.

Ligada ao teatro, ao cinema e à televisão, qual destes três géneros que mais se identifica? Eu não tenho essas coisas, gosto de trabalhar e daquilo que faço. É um enorme privilégio fazer aquilo que gostamos, porque somos mais felizes. Gosto muito desta área e não me vejo a fazer outra coisa, até porque estou ligada à parte artística desde muito nova, como a música, a dança e o teatro. Digamos que gosto de ir a todos os sítios para estimular os meus dotes artísticos, mas não tenho uma preferência, embora tenha fases em que só me apetece fazer teatro, cinema ou televisão. No entanto, confesso que gostava mais de fazer cinema, porque é um meio que queria explorar mais, uma vez que não me sinto tão à vontade nesta área devido à linguagem que não estou muito familiarizada, tendo em conta que fiz pouco.

Um actor quando sobe ao palco tem que encarnar na personagem. Quando o espectáculo termina é fácil sair dessa mesma personagem e voltar à 'realidade'? Há actores e actores. Eu respeito os que têm de estar sempre em personagem, mas no meu caso não tenho nada disso. Separo muito as águas, gosto de fazer um 'aquecimento' e estar no teatro duas horas antes sem fazer nada e sentir o silêncio, porque a sensação de um teatro vazio é algo que me cativa.

Houve alguma personagem que tenha marcado a sua carreira como actriz? Estive muitos anos no Teatro Meridional e fiz de uma velhinha alentejana que me inspirei na minha avó e, por isso, marcou-me bastante. Ao longo da minha carreira, posso dizer que tenho gostado muito de interpretar mulheres fortes e complexas.

É mais fácil fazer o público rir ou chorar? Isso é uma pergunta que não consigo responder... mas acho que é bastante difícil fazer rir, porque fazer chorar basta o actor emocionar-se um bocadinho mais e o público parece que está mais levado para esse sentimento...